

# RUBEM BRAGA E JOEL SILVEIRA: DOIS CRONISTAS NO *FRONT*

Camila Marchioro (UFPR)<sup>1</sup>

**Resumo:** *Joel Silveira e Rubem Braga, ambos os correspondentes de guerra, publicaram em crônicas as notícias deste momento histórico. Dos relatos de Rubem Braga surgiu o livro Crônicas da guerra na Itália (1964), e dos de Joel Silveira O inverno da Guerra (2005). A proposta deste artigo foi estabelecer uma comparação entre as crônicas de guerra desses autores em relação ao grau de subjetividade e objetividade de seu discurso, propondo, assim, uma reflexão a respeito das confluências entre jornalismo e literatura, jornal e livro e das interseções entre factual e ficcional.*

**Palavras-chave:** *crônicas de guerra; Rubem Braga; Joel Silveira.*

## Introdução

Desde a Grécia Antiga os gêneros literários foram divididos em três categorias: lírico, dramático e épico. Todavia, é evidente que, na prática, raramente nos deparamos com um gênero puro, uma vez que a criação artística, no caso a literária, muitas vezes mistura esses três elementos. Todorov, em sua *Poética*, aponta para o fato de que os gêneros literários devem ser estudados através das características da obra e não a partir de nomes classificatórios, no entanto seria difícil analisar um determinado texto sem ao menos tentar denominar ou aproximar o objeto estudado de uma determinada classificação.

No caso da crônica, determinações e definições tornam-se ainda mais complicadas, pois o gênero é fronteiro entre prosa e poesia, documento e ficção, jornal e livro. Nesse sentido, a liberdade de criação é ampliada e as possibilidades de mescla entre os gêneros literários também. Esse hibridismo do gênero, no Brasil, pode ser explicado, a princípio, por meio de uma análise de seu surgimento no país.

De origem francesa, foi conhecida, primeiramente, como folhetim. Este era dividido em dois tipos: o de romance e o de variedades, sendo que deste último

<sup>1</sup> Mestranda em literatura pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: [camila.marchioro@gmail.com](mailto:camila.marchioro@gmail.com).

deriva a crônica. Foi do folhetim-variedades que a crônica que se consolidou no Brasil no século XX derivou:

É exatamente como *folhetim* que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o “folhetim semanal”. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc. (Melo 1985: 151)

O espaço de rodapé dos jornais impressos no século XIX que era destinado aos folhetins passou a abrigar diversos assuntos de tal modo que qualquer texto que não preenchesse as exigências jornalísticas era publicado no espaço folhetinesco. Por isso o conto, a crônica, a novela e o romance eram considerados folhetins, uma vez que ocupavam o rodapé dos jornais.

Como a etimologia do nome sugere, a crônica está presa ao tempo e à efemeridade. Sob tais aspectos, o tempo do relato é o presente e para referir-se a ele a narrativa se dá pelo uso de um passado imediato. No decorrer do século XX, o gênero definiu-se e ficou reconhecido pela sua linguagem simples, que retrata o dia a dia.

Tais definições são recentes, pois se sabe que o gênero mudou muito desde suas primeiras aparições ainda no século XV – quando, num primeiro momento, a palavra *cronista* esteve diretamente relacionada à narrativa vinculada ao registro histórico – passando pelo período em que (no mesmo século de seu aparecimento, em 1434, em Portugal) o cronista passou a ser escritor profissional dando à crônica uma perspectiva mais individual, o que lhe conferiu uma dimensão interpretativa, por vezes até estética, como ocorre em obras de Fernão Lopes (~1378 -1459?) até o século XIX, momento em que, com o advento da literatura jornalística, a crônica se metamorfoseou no que conhecemos hoje.

No caso do Brasil, o gênero adquiriu características específicas, estando sempre relacionado ao retrato do cotidiano e conhecido por ser “descompromissado”. Entretanto, é importante salientar que em alguns casos adquire a espessura de texto literário, dada a elaboração de sua linguagem, sua complexidade interna e sua penetração psicológica e social (Arrigucci Jr. 1985: 43-53).

A crônica modificou-se, adaptou-se e se tornou um gênero brasileiro. Comentando esse aspecto Carlos Heitor Cony, em entrevista à revista *Cult* (2006: 8), fez a seguinte declaração: “A crônica é um gênero tipicamente brasileiro. Em outros países, ela também existe, mas não tem as nossas características”.

É nesse sentido que pretendo desenvolver este artigo: mostrar que redigir uma crônica é ter direito a elaborar um texto livre, ou seja, pode-se informar e ao mesmo tempo aproximar-se da ficção ou do lirismo. Autores como Rubem Braga, Cecília Meireles e Carlos Drummond são exemplos do quanto elaborado pode ser esse tipo de texto. Também pretendo salientar a importância da publicação desses relatos

em livro, algo que propicia uma mudança no ponto de vista de que a crônica só pode ser entendida enquanto gênero quando vinculada ao jornal.

### Jornalismo e literatura

Parte-se do pressuposto de que o jornalismo tem o compromisso com a verdade e com a ética, entretanto tal fato não impede que este mesmo jornalismo comporte uma vertente mais autoral e subjetiva. A informação é o cerne do jornalismo, e tal fato trouxe mudanças no modo de narrar. Walter Benjamin, em seu ensaio “O Narrador”, aponta para as consequências da imprensa em relação às narrativas. O autor diz que, com o advento da imprensa, a narrativa começou a tornar-se arcaica. Mesmo se apropriando do novo conteúdo, ela não foi determinada por ele e, com a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes –, destacou-se uma nova forma de comunicação: a informação. Esta nova forma provocou uma crise no romance e na narrativa: “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decididamente responsável pelo seu declínio” (Benjamin 1985: 206).

Se, de certa forma, a informação contribuiu para a decadência do romance e da narração, contribuiu também para novas formas de informar e no Brasil possibilitou o surgimento de um gênero peculiar e fronteiro: a crônica.

Vejamos então a contradição que o jornal trouxe para esse gênero no Brasil: se, nos seus primórdios, sua função era permanecer, aos olhos da crítica brasileira parece que sua única opção passou a ser a efemeridade e o esquecimento. Todavia, autores como Rubem Braga e Joel Silveira demonstraram uma preocupação com a posterioridade e decidiram publicar suas crônicas em livro.

Foi em busca de informação que Rubem Braga e Joel Silveira foram enviados para a Itália em plena Segunda Guerra Mundial. Sendo a crônica fronteira entre jornal e livro, ficção e informação, temos, nos relatos de viagem desses autores, a informação por meio da narração. Todavia, se comparamos as crônicas desses autores às notícias sobre a guerra vinculadas nos mesmos jornais, por vezes na mesma página do relato, veremos que os correspondentes não estavam fazendo notícia, no entanto ao mesmo tempo não deixavam de informar.

A opinião presente no ato de informar, somada às possibilidades criativas próprias da literatura, faz destas crônicas uma simbiose entre duas importantes esferas do conhecimento.

É nesse sentido que a crônica é um gênero híbrido; tendo, muitas vezes, maior aproximação com o lírico ou a prosa ficcional, redimensiona sua linguagem e alcança o que chamamos “literário”.

### O cronista na fronteira: jornal e livro

Em seu livro *Crônicas de Guerra*, na parte dedicada ao leitor, Rubem Braga manifesta seu desejo de escrever um “cronicão da FEB”. Desejo este impedido por contratemplos no embarque, pelo peso de três censuras e por um pouco de má

vontade e desconfiança em relação aos correspondentes. Provavelmente Joel Silveira passou pelos mesmos problemas, uma vez que ambos foram na mesma época.

Muitas das crônicas presentes no livro de Rubem Braga não chegaram a ser publicadas no jornal, e a última foi feita especialmente para fechar o livro. Porém, Braga não foi o único a ter suas crônicas compiladas de forma a diminuir a sua efemeridade. Segundo Luiz Carlos Santos Simon, a lista de autores que tiveram suas crônicas publicadas em livros é enorme:

Além de Carlos Drummond de Andrade já citado por esta particularidade, podem ser mencionados: José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompéia, Olavo Bilac, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Nelson Rodrigues. Trata-se de uma relação seleta, composta integralmente por nomes dos mais valorizados no cânone literário brasileiro. É possível que alguns dos volumes de crônicas destes autores não sejam encontrados atualmente nas livrarias, mas nas bibliotecas o lugar é garantido pelos valores múltiplos que eles encerram. Afinal, como desafia Margarida de Souza Neves: “Em que outro documento será possível encontrar o cotidiano monumentalizado com o na crônica?” De fato, o material publicado dialoga com a época em que os textos foram escritos e com o restante da obra de cada autor, proporcionando um inestimável objeto de pesquisa para diversas áreas do conhecimento. (Simon 2004: 8)

Há certa resistência da crítica brasileira em perceber o fato de que o gênero, no Brasil, não ficou fadado à efemeridade e esquecimento, como as notícias de jornal. Sua relação com o literário trouxe-lhe um grande benefício: a possibilidade de ser perene por meio do livro.

Simon aponta para o fato de Rubem Braga não ter sido citado nenhuma vez por Bosi em sua *História concisa da literatura brasileira*, mas em 2002 esteve na lista de livros a serem cobrados pelo Exame Nacional de Cursos, ao lado de autores como Camilo Castelo Branco, Gil Vicente, Machado de Assis e Mário de Andrade. Ou seja, de certa forma, a crônica publicada em livro tem conquistado seu público leitor e seu espaço ao lado de outros gêneros. O livro tem contribuído para a consolidação do gênero e torna mais fácil o seu estudo. O estudo deste artigo jamais seria viável, não fosse a iniciativa dos autores de levar seus escritos para a posterioridade.

### **Rubem Braga e Joel Silveira no front**

Joel Silveira iniciou sua carreira em 1937 ao mudar-se para o Rio de Janeiro no intuito de trabalhar como jornalista. Destacou-se na função e tornou-se, inclusive, escritor. Seu primeiro emprego foi no periódico *Dom Casmurro*, depois foi repórter da revista *Diretrizes*, onde permaneceu até a redação ser fechada pelo DIP.

Rubem Braga foi um dos raros escritores que publicou estritamente crônicas durante sua carreira. Iniciou-se no jornalismo com apenas 15 anos no *Correio do Sul*.

Seu texto é de acesso fácil para quem lê, porém difícil para quem quer falar criticamente do que leu. Na sua “naturalidade complexa”, lembra um poeta e é essencialmente poético. Desde 1932, quando iniciou no *Jornal da Tarde*, em Belo Horizonte, até sua morte, em 1990, quando publicava seus escritos n’ *O Estado de São Paulo*, Rubem Braga foi cronista. Entre os anos 1930 e 1940, suas crônicas fizeram com que fosse reconhecido nacionalmente. Jamais um jornalista alcançara tamanha projeção com pouco mais de 20 anos<sup>2</sup>. Seu primeiro livro, *O Conde e o Passarinho*, foi publicado em 1936. Em 1944 é lançado *O Morro do Isolamento* e, no ano seguinte, *Com a FEB na Itália* (que mudou de nome para *Crônicas de Guerra: com a FEB na Itália*, e posteriormente *Crônicas da Guerra na Itália*).

A Segunda Grande Guerra iniciou-se em 1939, no entanto foi apenas em 1944 que o combate começou a ser decidido. O Brasil participou da guerra entre setembro de 1944 e maio de 1945, enviando 25445 soldados e oficiais para o *front*. Durante o tempo em que a FEB esteve na Itália, foram enviados jornalistas e correspondentes; dentre estes estavam Rubem Braga, junto ao Alto Comando Aliado, e Joel Silveira. Braga permaneceu na Itália de setembro de 1944 a abril de 1945, e durante este período escreveu a maioria dos relatos que compõem o seu livro *Crônicas de guerra: com a FEB na Itália*. Joel Silveira embarcou para a Itália no mesmo ano em que Braga, estiveram juntos em muitos momentos na guerra, e várias vezes passaram pelos mesmos lugares relatando suas experiências.

Segundo Leonardo Guedes Henn, a primeira vez que se tem registro do envio de correspondentes de guerra da imprensa brasileira foi na Guerra do Paraguai (no século XIX), posteriormente na guerra que ficou conhecida como Guerra de Canudos – o escritor Euclides da Cunha foi como correspondente e daí já havia confluências entre literatura e jornalismo, da sua viagem escreveu *Os Sertões* – e em 1932, Rubem Braga cobriu como correspondente a Revolução Constitucionalista de São Paulo (HENN 2006: 174-175). Pode-se dizer que Rubem Braga foi um dos pioneiros desse tipo de jornalismo no país.

Pouco antes do envio das tropas brasileiras para a Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, os principais jornais do Brasil pediram permissão para que seus correspondentes de guerra fossem credenciados junto às tropas. Os primeiros representantes dos jornais brasileiros rumaram para a Itália em 22 de setembro de 1944. Entre eles estava Rubem Braga, do *Diário Carioca*; e em 23 de novembro, junto ao 4º escalão, embarcou Joel Silveira, dos *Diários associados*.

O que tornava os relatos desses autores, para o público leitor, mais interessantes que as próprias notícias de guerra era justamente uma das características da crônica citadas anteriormente: sua aproximação com o cotidiano. Os correspondentes não tratavam somente das estratégias dos exércitos, nem dos avanços das tropas por este ou aquele local, mas falavam principalmente do dia-a-dia dos pracinhas, mandavam recados para as famílias, traziam para as pessoas notícias

<sup>2</sup> Simon constrói um quadro da pluralidade do escritor no plano editorial. Afirma que Braga é caso “bastante expressivo” da acolhida que o gênero teve no Brasil: aos 23 anos lança seu primeiro livro por uma editora da grande porte na época, José Olympio. “Deste ano de 1936 até os dias atuais, mesmo após sua morte em 1990, vários títulos foram publicados (...). Quase nenhum dos títulos do autor se encontra esgotado e (...) o projeto gráfico da capa de vários livros passou por uma reestruturação, o que demonstra a atenção da editora com estas publicações”. (Simon 2004: 5-6)

da vida dos seus entes queridos ou conhecidos. Explicavam como era a comida, os locais, como os cidadãos italianos conviviam com a guerra, as dificuldades dos pracinhas no frio, a fragilidade do teco-teco brasileiro e outros aspectos relacionados aos pequenos detalhes da Segunda Grande Guerra.

Podemos ter uma melhor noção dessa diferença analisando a imagem abaixo, em que trechos da primeira crônica de Rubem Braga aparecem na primeira página do jornal em meio às notícias de guerra.



Neste primeiro relato, "A partida", o autor narra sua saída do Brasil no transporte americano *General Mann* (em 22 de setembro de 1944), o embarque dos soldados, a demora na partida, o calor insuportável e com um pouco de humor caracteriza os colegas de camarote:

(...) o beliche bem acima do meu verga-se ao peso sensacional do jornalista Capitão Amador Cisneiros, promotor militar.

Deus quis certamente proteger este tão degradado filho de Eva: entre os 18 homens do meu camarote há 7 santos homens: 5 padres católicos e 2 pastores protestantes. Se eu morrer aqui, se um torpedo me estraçalhar,

se Amador Cisneiros me esmagar, morrerei em grande odor de santidade. (Braga 1964: 11)

Essa aparente simplicidade permanece ao decorrer do livro, o que permite ao autor, em determinados momentos, cativar, prender e surpreender o leitor ao narrar alguma imagem mais forte ou ao comparar as explosões com fogos de artifício, por exemplo. O cotidiano da guerra, simples, aparentemente quase banal, divide o espaço do jornal com o monumental da notícia, a ênfase do *lead*. Rubem Braga e Joel Silveira trouxeram para o leitor a saudade que os soldados tinham de suas famílias, o frio, a fragilidade da guerra. E permaneceram muito mais que o monumental das notícias da época.

### As crônicas de guerra

#### “Aquilo lá é Bolonha” e “O teco-teco”

A crônica de Joel Silveira (“Aquilo lá é Bolonha”) é mais informativa, trazendo números a respeito das distâncias, datas, homens que vivem dentro do PC (posto de comando). As informações a respeito do local dão uma ideia exata do ambiente ao dar a posição aproximada de alguns elementos que compõem o espaço. “Aquilo lá é Bolonha” começa relatando o terreno hostil percorrido por Silveira e pelos pracinhas para chegar ao campo de pouso dos teco-tecos. Nesse ponto, o cronista faz um paralelo da fragilidade do caminho com a do avião: “É como se já estivéssemos a bordo de um dos frágeis teco-tecos da ELO...”. (Silveira 2005: 85) Após a função desses aviões ser explicada com detalhes, fazendo com que o leitor compreenda por meio da informação o porquê da instabilidade do avião, o relato segue mantendo um caráter informativo com números, datas, nomes, trechos de falas do major e do aspirante até o último parágrafo, no qual o que se assemelhava a uma matéria jornalística ganha ares de crônica. Tal fato se dá quando do relato do voo sobre as linhas nazistas até chegarem (Joel e o piloto) a uma mancha branca que se estendia no céu: “era uma cidade com rolos de fumaça saindo de casas altas” (Silveira 2005: 87); e de forma abrupta o cronista narra a fala no piloto: “aquilo lá é Bolonha” (Silveira 2005: 87), finalizando assim o relato. Nesse ponto o leitor é deslocado de seu lugar comum, o aparente conforto da informação exata é quebrado pela descrição da cidade em chamas, porém uma descrição que não parece se importar ou impressionar com o que relata, fazendo com que o leitor sinta-se chocado justamente por haver essa quebra entre o que é narrado e a forma de narrar.

Se, por um lado, a crônica de Silveira apresenta-se em sua maior parte informativa, jornalística, por outro lado, a de Rubem Braga traz maior grau de subjetividade, aproximando-se mais do texto literário. Há menos informações a respeito da geografia do local, menos números e nomes. A fragilidade dos teco-tecos é comparada com a do correspondente de guerra, que, assim como o avião, não possui nenhuma arma. A descrição do voo é menos objetiva também, os elementos naturais permeiam mais (mar, vales, montanhas), o relato se volta mais a descrever o teco-teco e não há nenhuma referência ao fato de Bolonha estar destruída; contudo há

referência a um metafórico jardim proibido ocupado pelos nazistas: “esquadrinhando as grimpas e os socavões onde os nazistas procuram barrar o acesso ao vale do Pó – que nossos homens veem lá do outro lado das montanhas, povoado com cidades e aldeias, e campos, lindos com um jardim, um jardim proibido” (Braga 1964: 75).

Sob esse aspecto, o relato de Braga alcança o leitor por meio do mistério da metáfora. Braga sobrevoou Bolonha em novembro de 1944; já a data da visita de Silveira não consta no relato. Provavelmente, a cidade ainda não estava destruída quando Rubem Braga esteve lá, o que pode explicar o fato de ele não mencionar a destruição. Independentemente disso, as crônicas se constroem de diferentes modos, sendo uma muito mais objetiva que a outra.

### “O anjo postal” e “Cartas”

Estas crônicas se aproximam mais no que diz respeito à seleção dos eventos narrados. Ambos os autores relatam o processo de recebimento de cartas vindas do Brasil, enumeram os assuntos mais abordados e salientam o quanto elas são importantes para os pracinhas, não recebê-las culmina em profunda tristeza. Bem, se os relatos se aproximam em relação ao assunto, escolhendo os mesmos aspectos de um tema, se afastam, mais uma vez, na maneira de abordá-los. Novamente Joel Silveira é mais objetivo, dando nomes, localização do espaço onde eram recebidas as cartas, descrevendo o local, as seções, o caminho percorrido pela carta até chegar ao PC. Ou seja, dá uma visão geral do assunto e não muito aprofundada. O que torna seu relato interessante e o que faz com que ele não seja apenas um aglomerado de informações é a comparação que o cronista estabelece - a partir do ponto de vista dos soldados - entre o sargento Ivan (que entrega as cartas) e um anjo ou um demônio. Ivan assume a figura de um anjo quando as cartas chegam: ““Tem uma carta para o senhor.” (...) O sargento Ivan está com a resplandecente auréola dourando sua cabeça de paranaense de Jacarezinho.” (Silveira 2005: 54) e a de demônio quando as cartas não vêm: “(...) às vezes também é possível enxergá-los como figuras demoníacas, com cauda, chifres e demais características de Satanás” (Silveira 2005: 53). Dessa forma, Silveira consegue passar ao leitor a sensação que têm os pracinhas se não receberem cartas, no final ele ainda diz que não há no *front* pracinha mais desgraçado que aquele que não recebe cartas.

O relato de Braga é mais subjetivo e menos generalizado; o cronista seleciona experiências de pracinhas e trechos de cartas para abordar o assunto, mas também relata que os pracinhas ficam com raiva do homem do correio. Na crônica de Braga, quase não há nomes ou descrição do espaço, entretanto há sensações: “A cara do sujeito que não recebe carta nesse dia é uma cara de naufrago. O sujeito se sente abandonado numa ilha deserta” (Braga 1964: 88). No final, o cronista faz um apelo para que as pessoas escrevam, não importa sobre o quê: “escrevam, telegrafem, meus senhores (...). Escrevam cartas numerosas, enormes contando coisas, coisas de toda a espécie” (Braga, 1964: 89). Esta não é a única crônica em que Braga faz isso; há casos em que ele manda até notícias dos pracinhas. Isso demonstra a consciência que o cronista tinha a respeito da sua função e do período pelo qual todos ali estavam



passando, o que faz com que, muitas vezes, ele abra mão da estética de sua crônica para fazer apelos e mostrar sua indignação.

### “Monte Castelo é nosso” e “O Castelo caiu”

Joel Silveira, por ter tido a sorte de estar no local, conta com riqueza de detalhes a tomada de Monte Castelo. Cada parágrafo (a partir da metade da crônica) inicia com um horário, contando assim progressivamente detalhes da ação. Comparando-se com as outras crônicas do livro esta é a mais informativa de todas, não há nenhum trecho onde haja alguma aproximação com a ficção. Entretanto, é interessante e emocionante a forma escolhida para narrar o fato, é como se o leitor estivesse acompanhado ao vivo a guerra. Provavelmente, Joel Silveira escreveu a crônica após observar toda a ação, todavia criou no leitor a ilusão de que as informações foram dadas em tempo real, é como um filme de ação. Joel Silveira parece mesmo ter um cinematógrafo, pois relata com detalhes as imagens da guerra.

A crônica de Braga não pôde ter os mesmos detalhes porque ele não estava no local na hora do assalto. A tomada foi em 21 de fevereiro, a crônica de Braga data de 23 de fevereiro de 1945 (Roma). O autor relata sua expectativa e angústia em relação à tomada e histórias a respeito do morro. Novamente é uma crônica mais subjetiva, pois contém experiências que ele ouviu de pracinhas que participaram das outras tentativas de tomarem o monte. No final, ainda mostra suas características líricas:

Ah, ricaços boas-vidas das Copacabanas (...) não invejo vossos lucros de guerra, nem vossas magníficas mulheres, nem vossa vida larga e suave. A riqueza maior está com o pracinha dentro de seu buraco de lama - no alto, na encosta ‘do lado de lá’ do Morro do Castelo (Braga 1964: 259).

Braga dá sua opinião, não é imparcial, impessoal. Este tom permeia todo o livro, diferentemente de Silveira, que raramente demonstra de modo tão explícito uma opinião.

### Conclusão

Pode-se dizer que a crônica de Joel Silveira é aparentemente mais informativa e relacionada à linguagem jornalística que a de Rubem Braga, entretanto ambos os autores conseguem atingir o leitor cogitando reflexão e proporcionando fruição. No caso de Silveira, tal impacto é atingido porque ele seleciona momentos exatos de seus relatos onde se utiliza da informação para inserir algo que represente uma quebra na linguagem jornalística – o que aproxima seu texto da prosa ficcional, como é o caso da crônica “Aquilo lá é Bolonha”.

Rubem Braga é tido pela crítica como um cronista lírico. Segundo Davi Arrigucci Jr. o Eu que nos fala nas crônicas de Braga é um tipo de narrador oral, que fala consigo mesmo, que fala sozinho e abre um cálido espaço solidário onde nos incluímos ao ler. Arrigucci Jr. ainda salienta a observação de Benjamin de que

narradores desse tipo são cada vez mais raros: “em um mundo industrializado sempre igual, é difícil encontrar alguém que nos conte a sua experiência” (Arrigucci Jr. 1985: 160). Nesse sentido, tanto Braga quanto Silveira, apesar de todas as condições adversas (censura, distância, meio de transporte), trouxeram, além de informações, emoções e experiência às famílias que ficaram no Brasil.

Em *Crônicas de guerra: com a FEB na Itália*, Rubem Braga não chega a ser tão lírico quanto em outros livros seus, mas ao mesmo tempo não é tão “jornalístico” quanto Joel Silveira. Pode-se afirmar, a partir da comparação das crônicas de Braga e Silveira, que, no livro aqui analisado, Braga fica, em relação à linguagem, em um meio termo entre ele mesmo (como se consolida posteriormente) e Silveira.

Este trabalho proporcionou verificar as fronteiras entre a subjetividade da escrita literária e a objetividade da jornalística e por meio disso foi possível perceber que ao mesclar estas linguagens os dois autores, cada um à sua maneira, contribuíram para redimensionar a crônica, transcendendo aquilo que seria, em primeiro plano, um simples relato da guerra. As crônicas de Braga mostram mais o lado humano da guerra, as de Silveira números, datas, descrições do local, nomes.

Ao iniciar a pesquisa que culminou neste artigo, o foco era principalmente a linguagem, contudo, ao final, foi possível verificar ainda a contribuição da crônica não só para a literatura brasileira, mas também para o jornalismo e para os relatos históricos. Isso permitiu que leitores e pesquisadores de uma época posterior aprendam novas perspectivas e estabeleçam novas relações históricas e, a partir disso, obtenham informações mais apuradas a respeito daquela realidade.

Mais um aspecto que se evidenciou foi a importância do livro para a durabilidade da crônica. O próprio nome do gênero está relacionado ao tempo e todos sabem do seu aparente caráter efêmero, porém o próprio Antonio Candido (1980) afirma que “verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava”: no caso de Rubem Braga, há livros que chegam a ter cerca de 20 edições. Ao transportar a crônica do seu local de origem para o livro, permite-se que esta seja erigida a gênero “maior” e que seja mais lida e apreciada.

Concluiu-se, portanto, que a linguagem jornalística e a literária são cruciais para que a crônica seja completa e que alcance sua função no jornal e depois, ao ser transportada para o livro, mantenha-se viva não apenas pelo que conta, mas pela forma como relata o cotidiano. Informar e narrar com linguagem simples e ao mesmo tempo demonstrando preocupação com a estética do texto (seja aproximando-se mais dos recursos da prosa ficcional ou da lírica) são de fato algumas das características da crônica brasileira.

## RUBEM BRAGA AND JOEL SILVEIRA: TWO CHRONICLERS ON THE FRONT

**Abstract:** Joel Silveira and Rubem Braga were war correspondents during the Second World War who published daily chronicles concerning this specific event. From the collection of Braga's writings came out the book *Crônicas da guerra na Itália* (1964), and from Silveira's *O inverno da Guerra* (2005). The aim of this article is to lay out a comparison between the chronicles of both authors, relating the degrees of subjectivity and objectivity in their speech. Thus, as it will be suggested, it is possible

to reflect upon the confluence of journalism and literature, newspaper and book, and upon the intersections between the factual and the fictional.

**Keywords:** war chronicles; Rubem Braga; Joel Silveira.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. Onde andar­á o velho Braga? In: \_\_\_\_\_. *Achados e perdidos*. São Paulo: Polis, 1979.

\_\_\_\_\_. Fragmentos sobre a crônica. In: *Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: 1985, v. 46, n. ¼, p. 43-53.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRAGA, Rubem. *Crônicas de guerra: com a FEB na Itália*. Rio de Janeiro: Copyright, 1964.

CANDIDO, Antonio. A vida ao Rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *Para Gostar de Ler*, n. 5. São Paulo: Ática, 1980.

CONY, Carlos Heitor. Entrevista. In: *Cult Revista brasileira de Cultura*. Bragantini: 2006, n. 100, ano 9.

HENN, Leonardo Guedes. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira. 2006. Disponível em: <[http://www.researchgate.net/publication/228379404\\_Os\\_correspondentes\\_de\\_guerra\\_e\\_a\\_cobertura\\_jornalstica\\_da\\_Fora\\_Expedicionria\\_Brasileira](http://www.researchgate.net/publication/228379404_Os_correspondentes_de_guerra_e_a_cobertura_jornalstica_da_Fora_Expedicionria_Brasileira)>, acesso em fevereiro de 2012.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SIMON, Luiz Carlos Santos. O cotidiano encadernado: a crônica no livro. In: *I Seminário brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: FCRB, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/luizcarlossimon.pdf>>, acesso em fevereiro de 2013.

TODOROV, Tzvetan. *Poética*. Trad: António José Massano. Lisboa: Theorema, 1986.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 28/02/2013 E APROVADO EM 17/04/2013